

Letrário**editora*

Um Chalé na Praia da Rocha

Helder F. Raimundo

Janeiro de 2009



O campeonato do mundo de futebol, em Inglaterra, já lá ia havia muito. Todos se lembravam do jogo contra a Coreia, que Portugal tinha ganho por cinco a três, depois de estar a perder por três bolas a zero. E do Eusébio, que marcava os golos e imediatamente retirava a bola do fundo das redes. A televisão era a preto e branco naquela altura. E o país também, muito mais preto do que branco.

Para eles, que eram todos jovens, brancura só mesmo no Natal: nas geadas da manhã, quando acordavam, nas neves de que ouviam falar aos seus amigos “serrenhos” de Monchique e nos algodões alvos das decorações do presépio. Sim, neste tempo, o Pai Natal não existia, ainda não tinha sido inventado pelo comércio das bugigangas dos centros comerciais. Só o Menino Jesus tinha o direito de vaguear pelos sonhos dos meninos e, esse, só descia pelas chaminés noite dentro, na madrugada de 25 de Dezembro. Era pouco o que deixava. Um copo de plástico e uma laranja foi o que o Zezé ganhou, naquele ano. Às vezes, lá deixava uns bombons da Regina, umas peúgas de lã ou um prato de filhós de batata-doce e chocolate.

Naquela noite, saíram em grupo do bairro industrial sujo e frio, alagado em água salgada e marismas, onde viviam desde que tinham nascido, ali perto da fábrica de conservas. Em bando e esfriados, percorreram os poucos quilómetros que os separavam da Praia da Rocha, paraíso da alta burguesia da cidade. Estavam agasalhados com blusas de lã, feitas de outras velhas blusas já usadas, e casacos coçados dos pais, que lhes cobriam as pernas. Entre as poucas ruas da urbe, tentavam orientar-se timidamente, junto dos chalés de telha preta e janelas com venezianas. A algumas casas era difícil aceder, pois estavam rodeadas de gradeamentos de ferro encimados por espigões ou guardadas por cães esquisitos, desenhados nas frontarias das entradas.

Nunca nenhum deles tinha feito semelhante coisa. Não tinham experiência nenhuma, mas a leveza do prato de caldo verde no estômago, a curiosidade e o advento de uma adolescência presumivelmente escura e sinuosa, levou-os a decidir. Escolheram uma casa de dois andares e pátio de fácil acesso. A porta era de cor castanha, de aspecto pesado e tinha, no centro, um batente circular, de ferro. Olharam à volta, a noite de Janeiro estava escura, não se via viva alma e, sem barulho, avançaram todos para a porta. A calma era convidativa e o breu da noite ofuscava deliberadamente os seus rostos. De repente, no silêncio ressonante da noite, surge uma melopeia sentida e tristonha, como que vinda do além:

Esta noite é de Janeiras,
É de grande merecimento.
Por ser a noite primeira,
É que Deus passou tormento.

Ensaçada e límpida, a voz do ponto viu-se acompanhada, de imediato, por todo o coro: putos de mãos nos bolsos e boinas de feltro na cabeça, que contavam a história de Cristo, menino como eles, e que rogavam pedidos complacentes aos donos da casa:

Senhora que estais lá dentro,
Deixe-se estar que está bem.
Mande-nos dar a esmola
Por essa filha que aí tem.

Janeiras cantadas, nervosismo aliviado, a resposta da casa, desta vez, tardou. De dentro do chalé fino não surgia nenhum indício de presença humana, nem luz nem vozes. Poderiam estar a dormir, mas era ainda cedo na noite de sono. Havendo um batente de ferro, o melhor seria provocar um som suave na porta da casa. O barulho do ferro a malhar ecoou na noite escura e silenciosa. E ninguém respondeu. Tudo ficou na mesma e o desalento, pela experiência frustrada, começava a ensombrar os rostos dos putos. Foi nesse momento que um dos amigos reparou. Sobre o batente, bem ao meio da larga porta, estava pendurado um arranjo de azevinho e papel de lustro, em formato de coroa. Ausentes de casa, os donos não tinham querido deixar de felicitar os visitantes e de lhes agradecer, em noite tão sagrada e solitária.

Os miúdos desconheciam a mensagem do arranjo de Natal na porta. No bairro deles, nunca tal tinham visto. Até que um chamou a atenção para uma eventual morte. E, pensando que tinha morrido alguém em noite tão adventícia, fugiram amedrontados, para bem longe da casa assombrada. Refugiaram-se, o resto da noite, nas suas casas, onde viveram até ao dia em que um lençol de areia cobriu o bairro, transformando-o em porto comercial da cidade.

Hoje, esta história de Natal deve ser uma das boas memórias que têm dos tempos de infância.

Fim

Helder F. Raimundo nasceu em Portimão em 1956 e vive em Loulé, no Algarve. É mestre em Ciências da Educação e professor na Universidade do Algarve, em Faro. Tem desenvolvido uma intensa actividade de pesquisa e animação cultural em várias áreas, sobre as quais editou livros, *compact discs* e opúsculos. Publicou diversos artigos e ensaios sobre educação, cultura popular, desenvolvimento etc. Tem poemas e narrativas dispersos por antologias, jornais e revistas, em papel e *on-line*. Foi colunista dos jornais *A Voz de Loulé* e *barlavento*. Coordenou o suplemento "a cultura" em *A Voz de Loulé* e o jornal virtual *a cultura é para se comer*. Investiga nas áreas da música tradicional, folclore, educação de adultos e desenvolvimento comunitário. É autor do blogue *Contrasenso* (<http://contrasensus.blogspot.com/>).

Letrário*
editora

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

http://www.letorario.pt/1_pt/900/9002.htm

+ 351 21 711 20 20

letorario@letorario.pt